

2

Notícias do campo

2.1.

A escola

Como critério de seleção da escola para a pesquisa, priorizou-se uma instituição que, à primeira vista, não inviabilizasse, ao menos no que tange a infraestrutura e qualidade de formação docente, um trabalho pedagógico de formação de leitores voltado para o letramento, com condições de proporcionar uma escolarização adequada da literatura (SOARES, 2006). De acordo com Magda Soares, letramento seria “o *estado* ou *condição* de indivíduos ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e de escrita” (2002b, p.3), ou seja, que estão aptos a atender às demandas sociais neste campo, incluindo, obviamente, as demandas no âmbito profissional. Estes indivíduos ou grupos

têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou de escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado *estado* ou *condição* de inserção em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002b, p.3)

Cabe ressaltar que há diversos níveis de letramento - ou letramentos¹. O conceito de letrado deve considerar as competências diferenciais relativas aos vários tipos de letramentos (digital, literário, funcional etc.). Para esta pesquisa, interessa particularmente refletir sobre a proposta de letramento literário² da

¹ “Propõe-se o uso do plural *letramentos* para enfatizar a ideia de que diferentes tecnologias de escrita geram diferentes *estados* ou *condições* naqueles que fazem uso dessas tecnologias, em suas práticas de leitura e escrita: diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos” (SOARES, 2002b, p.10).

² A expressão “letramento literário” foi utilizada pela primeira vez no Brasil em 1998 pela pesquisadora Graça Paulino, em texto publicado nos Anais da ANPED e, posteriormente, com algumas modificações, na *Revista Portuguesa de Educação*, em 2004, com o título “Formação de leitores: a questão dos cânones literários”.

professora Luana para a comunidade de leitores observada. Atualmente, a noção de letramento literário vem sendo desenvolvida com ênfase pelo GPELL - Grupo de Pesquisa do Letramento Literário do CEALE/ UFMG e está ligada à formação do leitor de literatura e sua apropriação da tradição literária (CORRÊA; RIBEIRO, 2004). Como explica Paiva:

O GPELL tem, nos últimos anos, se dedicado a pesquisas voltadas para a formação de leitores literários. Interessam ao Grupo as práticas sociais de leitura e escrita presentes em instâncias sociais de circulação de livros, no interior e entre as quais os sujeitos interagem em situações de comunicação. Tal abrangência justifica a escolha do termo *letramento*, considerado como expressão que sintetiza de forma mais condizente o processo social e individual de apropriação do mundo da escrita pelos leitores, inclusive professores e alunos (2004, p.45).

Meu primeiro contato com a escola pesquisada, em julho de 2007, foi por meio de um encontro com a diretora, que autorizou a pesquisa de campo a partir da segunda semana de aula, em agosto, sem nenhuma burocracia ou exigência.

A escola pública estadual em questão localiza-se em uma área nobre da zona sul carioca, em um dos bairros mais valorizados da cidade. Fica próxima a uma universidade e diversas escolas particulares de prestígio, a biblioteca pública, centro cultural, cinemas, teatros. Nos anos 60, esta escola foi referência de padrão de ensino público de qualidade, atendendo sobretudo as camadas médias da população. Foi inaugurada em 1967. No discurso da chefe de Secretaria, Violeta, percebe-se orgulho e nostalgia em relação a esta época, bem como um incômodo em relação à atual situação:

Tivemos muitos alunos que se destacaram. [Neste momento, citou vários artistas conhecidos, ex-alunos da escola.] Era um orgulho botar seu filho nesta escola. [...] A classe media debandou. **Mudou o perfil da escola.** Eu senti muito. O interesse dos alunos mudou, hoje mal sabem escrever. Hoje a falta de interesse é total. A gente se questiona por que estão aqui. Acho que nem eles sabem. Naquele tempo passavam para universidade pelo mérito mesmo, não tinha cota. [grifo meu]

Cabe ressaltar brevemente que a referida mudança de perfil da escola pública nas últimas décadas, com abandono das classes mais favorecidas economicamente e crescente precarização do ensino, atingiu as escolas públicas de uma forma geral no país, com algumas exceções, não sendo esta instituição um caso isolado. Em relação a transformações na capacidade de leitura e escrita dos

estudantes, Violeta é enfática em dizer que ‘o nível despencou. Eles não fazem concordância nenhuma. Acento não existe’³, e completa: ‘acho que quem se ressentir mais é o professor de Língua Portuguesa e Matemática, porque pelo menos se soubessem as quatro operações básicas para seguir na vida...’. Em sua representação dos alunos, Violeta revela alguns estereótipos, que pretendemos relativizar com a pesquisa: ‘os alunos não têm mais o hábito da leitura. O maior castigo é mandar lerem livro. Com essa coisa de Internet, entregam trabalhos copiados e colados. Pesquisa não existe. O grande objetivo deles é a nota, não o conhecimento. Eles querem só passar’. E destaca, ainda, que os estudantes, ‘falam quase um dialeto entre eles. É uma coisa muito estranha. Não é *oi*, é: *ái...*’, o que, na visão dela, deve atrapalhar na hora de conseguir um emprego. Ressaltando que a quase totalidade dos alunos desta instituição provém de escolas municipais, a chefe de Secretaria critica ‘essa mentira da aprovação automática, essa mentira de que não existe analfabetismo’. Ela relata que há vários casos de pais de alunos que ‘não sabem escrever. Só assinam o nome e recebem diploma de alfabetizado’. Para esta ex-professora da escola, a falta de compromisso atual com a escola, com os resultados do ensino envolve governo, alunos e professores, com algumas exceções: ‘A escola pública está abandonada pelo governo. Se você pegar o profissional de hoje, formação, interesse, é totalmente diferente. Eu ganho pouco e faço proporcional. A displicência é geral: alunos, professores. Existem ainda alguns [professores] que são comprometidos, mas são os que têm mais tempo’. Ainda assim, no último exame do Enem (com resultados divulgados em 2008), esta escola obteve resultados acima da média das escolas do estado⁴.

A escola oferece apenas o ensino médio regular, na modalidade formação geral, funcionando em três turnos (manhã, tarde e noite). Nos turnos da manhã e da tarde, a maioria é de adolescentes egressos da rede municipal. No turno da noite, predominam alunos-trabalhadores⁵, também adolescentes, na maior parte, embora um pouco mais velhos do que os da manhã e da tarde. Atualmente, são 57 turmas na escola, sendo doze de terceiro ano (oito de manhã e quatro à noite). Há aproximadamente 180 professores em exercício. Não há uma disciplina específica

³ Utilizarei dois códigos particulares para escrita do texto: grifos meus virão em negrito e as falas e categorias nativas virão entre aspas simples (a não ser, obviamente, quando a citação estiver destacada, com margem maior e tamanho de letra menor).

⁴ Além disso, de acordo com Violeta, a escola ficou com a sexta melhor posição no ENEM entre as escolas públicas do estado do Rio de Janeiro.

⁵ Informações colhidas no Projeto Político Pedagógico da escola.

chamada Literatura. O professor de LP é responsável por trabalhar também com literatura brasileira. A disciplina Língua Portuguesa é a que tem mais tempos de aula semanais, em um total de seis (com cinquenta minutos cada um), por determinação da Secretaria de Educação, como confirmou a professora de LP pesquisada. Em relação ao total de alunos, a chefe de secretaria explica que se começa o ano na escola com aproximadamente 2.500 alunos. Em julho, observa-se uma queda média de 10% do total, que tende a se acentuar até o fim do ano.

O Projeto Político Pedagógico da escola (PPP) coloca como principais desafios da equipe ‘a evasão, a repetência e o fraco desempenho escolar’. Desde 2001, a matrícula passou a ser realizada também por telefone ou Internet, o que alterou o perfil dos alunos, atraindo adolescentes que residem longe da escola, sobretudo na Zona Oeste. Antes, o corpo discente era composto basicamente de moradores das comunidades de baixa renda próximas ao bairro (Rocinha, Vidigal, Cruzada São Sebastião). Atualmente, as causas principais da evasão, de acordo com o PPP, são a distância da escola e a necessidade de complementar a renda familiar trabalhando. Apesar de não ter obrigação legal, a escola distribui merenda, por acreditar que isto pode contribuir para diminuir os índices de evasão e repetência (especialmente para os alunos que moram longe).

Verificam-se algumas tentativas por parte do corpo técnico de melhorar o desempenho escolar dos alunos. Basicamente, há duas atividades extra-classe oferecidas aos alunos. Uma delas, a Escola Aberta, em parceria com a UNESCO, é um projeto que acontece aos sábados, envolvendo oficinas (música, dança, teatro...) e atividades esportivas. A família pode comparecer. O objetivo central é promover, nos alunos, um aumento do seu sentimento de pertença em relação à escola. Existe, também, um projeto do Unibanco, o Entre Jovens, que oferece aulas de reforço de Português e Matemática para alunos do primeiro ano, ministradas por alunos monitores ou formandos da UERJ. Nos dois casos, esta escola foi selecionada pelas instituições parceiras, que propuseram os projetos.

Em termos de infra-estrutura, a escola apresenta um pátio externo espaçoso, com dois campos para esportes (basquete, futebol, vôlei etc.), arquibancadas, cantina e uma parte coberta, com diversos bancos. Este pátio, ocupado diariamente pelos alunos nos horários em que não estão em aula (recreio, saída etc.), é um dos principais locais de sociabilidade dos jovens dentro do colégio. A escola conta com um prédio de três andares e dezenove salas de aula

no total, além de possuir biblioteca, sala de computadores, sala de vídeo, laboratório de química e física, refeitório. A professora Luana expressa sua opinião sobre a **biblioteca**: ‘não tem pessoal certo’, conta com ‘um acervo bom, mas não tem um acesso bom. Quase nunca tem alguém. Eu não sei direito como é, mas os alunos reclamam muito’. E resume: ‘a biblioteca está sempre fechada’. Para ela, o acervo é subutilizado. Ela estimula seus alunos a frequentar uma biblioteca de bairro que é vizinha à escola, pois, em sua opinião, ‘é boa e tem um atendimento muito mais eficaz’. Além dos livros da biblioteca, a escola possui um acervo de literatura (clássicos, basicamente) destinado ao trabalho em sala de aula, com quantidade de livros suficiente para que se possa emprestar um mesmo título a todos os (ou parte dos) alunos de uma turma. Deste acervo, ela citou contos de Machado de Assis, poemas de Carlos Drummond de Andrade e o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Estes livros, segundo Luana informou, não ficam na biblioteca, mas na sala dos professores. Não são muitos títulos. A cada ano se compram vários exemplares de um novo título. Alguns são doados. Havia uma sala de leitura na escola, mas, de acordo com a professora, a própria Secretaria de Educação ‘impediu que funcionasse, porque tinha que ter sala de aula para caber mais alunos’. As salas de aula são amplas e equipadas com carteiras individuais e quadro-negro tradicional (quadro verde e giz). As instalações são relativamente limpas e bem conservadas. Luana contou que utiliza pouco a **sala de computadores** com seus alunos, pois oferece algumas restrições. Diz ela:

Às vezes você desce e não está tendo acesso à Internet. O que me interessa entrar com eles é para pesquisar. Às vezes você desce e não tem como imprimir. E aí uma vez a gente estava com um arquivo... Eu tenho um problema particular... Os alunos gravaram um arquivo e o cara que vem aqui, não nenhuma visão pedagógica, que é um administrativo que usa, apagou tudo! Então eu fico furiosa! Foi no ano passado... Entendeu? Quer dizer, agora tem um *pen drive*, mas eu não sei se eu posso botar meu *pen drive* ali, não vou pegar um monte de vírus. Enfim, eu acho que é da escola... Não eram arquivos pesados nem nada. Fiquei muito indignada com isso e me afastou.

Luana está estudando um livro chamado *Como usar o cinema na sala de aula*⁶, pois quer ‘ensinar também esta linguagem cinematográfica’. Atualmente, ela não utiliza com frequência a sala de vídeo com os alunos, e justifica:

⁶ De Marcos Napolitano, publicado pela Ed. Contexto.

A sala de vídeo... Eu sou muito exigente comigo. Com os meninos... Com os meninos muito menos. Mas com a escola eu sou bastante. As cadeiras são assim [aponta para as cadeiras da sala de aula, de madeira e ferro]. É muito desconfortável, então eu só uso se for coisa muito curtinha. [...] É horrível! Você não tem noção de como é ruim... E eles reclamam, e eles são imensos, eles cresceram muito e as cadeiras são pequenas para eles. Então eu usei... Eu já usei muito mais... Até porque meu material foi se deteriorando.

Segundo a professora, há um auditório no colégio que é mais bem equipado do que a sala de vídeo, com tela grande e cadeiras confortáveis. Ela e outra professora de LP têm um projeto de assistir a um filme por mês com os alunos, mas ainda não colocaram em prática.

O Projeto Político Pedagógico da escola, segundo consta do seu texto, foi elaborado com a participação de alunos representantes, corpo docente, dirigentes do colégio e pais ou responsáveis. Há uma cópia disponível na sala dos professores. Dentro dos objetivos e metas da escola estabelecidos no PPP, destacam-se: a construção de um trabalho voltado para o resgate de princípios e valores (relacionados à ética e à cidadania) e a preparação dos alunos para o mercado de trabalho (com foco na habilidade de tomada de decisão e no trabalho em equipe). Não há menção específica ao desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita dos discentes, seu letramento ou temas afins nos objetivos centrais. A importância da leitura e a questão do seu incentivo junto aos alunos são abordadas no item 'Projetos em andamento', que, além de destacar o projeto Escola Aberta (que não aborda estes temas), apresenta um outro, denominado Sala de Leitura, acompanhado pela seguinte descrição:

iniciativa que se desenvolveu a partir do diagnóstico realizado pelos professores de Língua Portuguesa, no qual se identificou que uma das principais dificuldades que os alunos têm apresentado é a de interpretar o que estão lendo. Consiste, assim, na criação de ações que promovam, no aluno, o hábito de ler. Na medida em que o leitor apresenta maior facilidade de compreensão, a aprendizagem tende a se tornar mais significativa.

Esta atividade **não** estava ocorrendo durante a minha pesquisa de campo.

Quando trata do ensino de literatura para o terceiro ano do ensino médio, dos seus objetivos e dos conteúdos a serem ensinados, o PPP parece se distanciar do que pretende a professora Luana. Em uma perspectiva tradicional do ensino nesta área, vinculada à abordagem histórica e características de estilos de época, o

texto do PPP define que o conteúdo a ser ensinado no terceiro ano abrange o ‘modernismo e pós-modernismo brasileiro e português’, destacando:

O objetivo é que o aluno seja capaz de compreender que estilo de época ou movimento literário é a reunião de um conjunto de textos que apresentam características comuns em determinado contexto histórico-social.

Em relação a encaminhamentos didáticos, o PPP recomenda que a literatura seja ensinada ‘de uma forma híbrida, em que se mistura a abordagem histórica, pela comparação de textos de épocas distintas, e em que se relaciona a literatura às artes plásticas e demais produções artísticas (cinema, teatro, música etc.)’. Depois, com uma citação das Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008, p.53-55), do MEC, classifica a literatura como ‘fator indispensável de humanização’, concluindo:

Faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária, o contato efetivo com o texto literário.

Completando o quadro do ensino de língua/literatura, O PPP destaca, como conteúdo relativo à língua portuguesa para o terceiro ano: ‘sintaxe e semântica: período simples, composto, concordância verbal e nominal, regência verbal e nominal, utilização de dicionário’. Cita, ainda, o estudo do texto dissertativo-argumentativo, com ênfase na leitura e produção de textos argumentativos, assinalando, como objetivo, que ‘o aluno seja capaz de identificar o tema e a tese de um texto’.

2.2.

Os alunos: que jovens são estes?

Como já foi dito, esta pesquisa volta-se para o universo jovem, sua cultura, suas práticas e representações. Mas de que juventude estamos falando? Ao tratar deste tema, Gilberto Velho usa a palavra juventude no plural, frisando que se trata de uma categoria complexa e heterogênea (2006, p.192). Para evitar estereótipos e simplificações, é necessário qualificar esta juventude da qual estamos tratando.

O que é “ser jovem”? Até quando se pode ser considerado jovem? Sabendo-se que juventude é um conceito construído histórica e culturalmente, as respostas possíveis a estas questões associam-se a diversas variáveis, para além da faixa etária: “para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho -, uma parte ‘deles’ acaba por alargar o chamado ‘tempo da juventude’ até a casa dos 30 anos” (NOVAES, 2006, p.105). Há outras variáveis relevantes que estabelecem diferenças entre as “juventudes” possíveis, como, por exemplo, a condição socioeconômica, que muitas vezes obriga à dobradinha escola/trabalho ou mesmo leva à evasão escolar. Gênero e etnia também são recortes importantes, podendo, inclusive, determinar o sucesso ou fracasso em uma entrevista de emprego ou diferenças de remuneração em cargos semelhantes. Como afirma Novaes, “ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’” (2006, p.106). No caso de se nascer homem, rico e branco, as condições de “ser jovem” serão ainda outras. Um outro critério de diferenciação é o local de moradia, que “abona ou desabona, amplia ou restringe acessos” (NOVAES, 2006, p.106). Endereço não é mais somente um indicador de renda. Hoje, alguns carregam o estigma de áreas violentas, associadas ao tráfico e à corrupção da polícia, e viram fator de discriminação, inclusive afetando os critérios de seleção para o trabalho. Por conta disto, afirma Novaes, “muitos jovens encontram estratégias para ocultar o lugar onde vivem e lançam mão de endereço dos patrões dos pais, de parentes, de bairros próximos ou caixas postais” (2006, p.107). A aluna Ana conta que já foi vítima de preconceito ‘por ser de comunidade’. Júlia, que é um dos poucos alunos brancos de pele no grupo, já sofreu preconceito ‘por morar na favela’ e dá o exemplo de sua última festa de aniversário, a que alguns amigos do trabalho não compareceram, segundo ela, por ter sido na Cidade de Deus: ‘eu fiz uma festa, assim, até o pessoal lá que trabalha comigo acaba [dizendo] *não sei se não vai dar para eu ir não*, mas eu sei que não era porque não queria ir, era porque... por causa do lugar, do local, entendeu?’. Antônio afirma que já foi discriminado por conta de sua cor e seu ‘jeito de se vestir’. Alexandre também foi vítima de preconceito ‘pela forma de se vestir’. Em relação à cor, a quase totalidade dos alunos se definiu com termos como: ‘pardo’, ‘nem preto nem branco’ ‘típico brasileiro’, ‘entre branco e negro’, ‘uma mistura’, ‘mestiço’. Nas entrevistas,

quase todos os entrevistados afirmam que já sofreram preconceito, na sua maioria por sua cor ou situação socioeconômica, expressa pela moradia, pela qualidade das roupas que utilizam ou mesmo por estudarem em escola pública. Daniela diz que foi discriminada por vendedoras de uma loja por estar vestindo o uniforme de escola pública. Lívia também afirma que já sofreu preconceito por ser aluna de escola pública:

Uma vez eu peguei um ônibus e eu estava muito cansada. E eu sentei, e uma senhora tava em pé, eu pensei: ‘pô, dessa vez eu não vou ceder a vez (risos), não vou ceder, eu vou ficar’. Aí ela começou a falar: ‘Ah, que esses estudantes não pagam nada, que têm tudo de graça’. E eu fiquei com raiva, eu não tava muito bem no dia e virei e falei: ‘eu não estudo de graça e não tenho passagem de graça, porque o meu pai paga imposto. Então de qualquer forma eu estou pagando pra estudar e a passagem’. Ela ficou...[risos] Mas é porque eu não aguentei, eu fiquei, poxa... Eu, eu reagi, porque é uma falta de respeito com a pessoa, e se ela tivesse pedido e tal, eu teria até cedido, mas ela veio com ignorância, aí eu não estava bem, eu tive que responder mal [risos].

A expressão “juventude brasileira” é caleidoscópica. A juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos e sociais, com isso assume diferentes formatos no tempo e no espaço. As variáveis citadas (idade, renda, gênero, etnia, local de moradia), embora não esgotem, ilustram matizes da condição juvenil brasileira. Para Novaes, “a juventude é como um espelho retrovisor que reflete e revela a sociedade de desigualdades e diferenças sociais” (2006, p.119).

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada, a quase totalidade do corpo discente é originária de comunidades de baixa renda. Nas entrevistas que realizei, confirma-se que lá também moram suas famílias, pais, irmãos, namorados... De acordo com o PPP, o perfil dos alunos é de jovens que sofrem cotidianamente com a violência nas comunidades onde residem, têm certa vulnerabilidade a gravidez precoce, drogas e doenças sexualmente transmissíveis, muitas vezes relacionada a desajustes familiares (que incluem desemprego, alcoolismo, separação dos pais etc.). Ainda segundo o PPP, o SOE (Serviço de Orientação Educacional, que conta com os serviços de uma psicóloga) e a direção do colégio procuram “acompanhar de perto” estes problemas.

O perfil socioeconômico dominante entre os alunos foi percebido a partir de dados objetivos colhidos nas entrevistas, tais como local de residência (residem em favelas e ‘comunidades’ de baixa renda), tipo de profissão e escolaridade dos

pais (sempre reduzida, nenhum com curso superior), necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar (relatada por alguns) etc.. Quanto ao trabalho dos alunos, foram citadas as seguintes funções: entregador de restaurante, garçom, DJ ('toco funk, toco pagode, hip hop', conta Dante), manicure e depiladora, vendedora de loja, barman, intérprete de libra em universidade etc. Também há os que, como Marcos, estão procurando emprego. Edith e Pedro afirmam trabalhar 'em casa', seja cuidando dos irmãos menores ou ajudando nas tarefas domésticas. Algumas das profissões de pais mencionadas foram: doméstica (foi a mais citada), diarista, porteiro, eletricista, inspetor de colégio particular, corretor de plano de saúde, 'autônomo' (vendedor), gerente de hotel, gráfico da casa da moeda, 'trabalha em cozinha de restaurante', contador etc. Vários trabalham na informalidade, sem carteira assinada.

Verificam-se algumas diferenças no interior do grupo pesquisado em relação à condição econômica. Enquanto vários alunos precisam trabalhar para complementar a renda familiar, outros têm pais com renda suficiente para mantê-los apenas estudando. Vários possuem computador, alguns têm jornal em casa comprado pelos pais (diariamente ou não), outros compram livros e revistas, Silvio frequenta academia de musculação ('para entrar no exército'), Antônio diz que gosta de ir a restaurantes etc. Dois alunos revelam que seus pais têm negócio próprio: Pedro e Dante. Em termos de situação econômica, Pedro se define da seguinte forma: "Normal, não passo dificuldade, mas também não sou... não sou rico, nem nada. Mas, nunca passei por dificuldade, até tenho as coisas". A mãe de Pedro tem uma loja de roupas na Rocinha. O pai de Dante é dono de um salão de cabeleireiro na Rocinha, onde moram. O jovem afirma que só não se considera classe média 'porque médio o pessoal não mora em favela, assim eu acho que não é classe média'. Um dado complementar, a ser levado em conta, é a auto-classificação que os estudantes forneceram em relação à sua condição econômica. Apesar de residirem em comunidades de baixa renda, muitos em favela, a maioria se identificou como 'classe média baixa', contrariando a opinião de Dante. Outros se classificaram como pertencentes às camadas mais pobres da população.

Dos quatorze alunos que falaram sobre religião na entrevista, onze se dizem católicos, um, evangélico e dois, sem religião. O grupo pesquisado tem entre dezessete anos (três alunos) e dezenove anos (dois alunos), com maior concentração na idade de dezoito anos. Há um certo equilíbrio no número de

mulheres e homens nas turmas observadas, com alguma predominância do sexo masculino. Dos dezenove alunos entrevistados na turma de 2007, onze são homens (58%) e oito são mulheres (42%).

Na metrópole estudada, o Rio de Janeiro, tem-se a diversidade típica de uma sociedade complexa, acentuada por forte desigualdade socioeconômica. Com isto, encontram-se diferentes grupos com estilos de vida, *ethos*, visões de mundo particulares. Para Gilberto Velho, as sociedades complexas da atualidade caracterizam-se pela interação intensa entre estes grupos e segmentos diferenciados (2003a, p.38). Os grupos não são estanques ou isolados, podendo apresentar semelhanças e diferenças, afastamentos e proximidades, contágios e apropriações. E, obviamente, cada indivíduo pode pertencer (e normalmente o faz) a mais de um grupo: o da família, o dos evangélicos, o dos funkeiros, o dos grafiteiros, o dos estudantes de escola pública... Assim, os indivíduos vivem diferentes papéis, associados aos mundos sociais em que se movem. Sua identidade é formada a partir deste multipertencimento e do trânsito entre diferentes contextos socioculturais, de que participam e que ajudam a produzir.

Neste cenário de múltiplos pertencimentos, em uma sociedade em que os indivíduos são as unidades significativas, estes constituem sua identidade basicamente por meio da memória (retrospectivamente) e dos projetos (prospectivamente) (VELHO, 2001b, p.27). Tanto memória como projetos são tentativas de se produzir sentido e conferir alguma coerência à fragmentação gerada pelo trânsito entre diferentes realidades socioculturais. A memória procura organizar retrospectivamente a biografia e a trajetória. Com base neste conhecimento do passado, que ajuda a compreender as circunstâncias presentes, o indivíduo elabora seus projetos, estabelecendo objetivos e fins e organizando os meios para atingi-los. Assim, memória e projeto se associam e se articulam “ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade” (VELHO, 2003a, p.101). De acordo com Gilberto Velho, podemos entender projeto a partir da noção de Schutz, como “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (2003a, p.101). O projeto não é um fenômeno unicamente interno e subjetivo, mas é sempre elaborado dentro de um campo de possibilidades sociocultural: “campo de possibilidades trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura” (VELHO, 2003a, p.28).

No escopo desta pesquisa, interessa perceber como esse movimento se dá para os jovens estudados. A que grupos pertencem? Quais são seus grupos básicos de referência, no que diz respeito à leitura? Como lidam com os diversos códigos associados aos universos simbólicos diferenciados em que transitam? Dentro do seu campo de possibilidades, que projetos constituem para si? Pretendo analisar *se e de que forma* a leitura permeia memórias e projetos dos jovens estudados.

2.3.

Luana: perfil socioeconômico

A professora pesquisada tem cinquenta anos, olhos e cabelos castanhos e pele branca, mora na zona sul do Rio de Janeiro (em um bairro nobre da cidade, de elevado prestígio social), perto da escola onde trabalha, possuiu carro e se auto-classifica como membro da ‘classe média-média’. É formada em Letras. Em 1982, concluiu um mestrado nesta área em uma conceituada universidade particular do Rio de Janeiro, apesar de não ter obtido o título de mestre, já que não escreveu a dissertação. Diz ela: ‘Eu passei por uns problemas, depois não queria vida acadêmica, entendeu? Eu nunca tive intenção de trabalhar em universidade’. Ainda em 1982, durante o mestrado, passou em um concurso do Estado e começou a lecionar Literatura. Tem mais de vinte e cinco anos de magistério e trabalha na instituição pesquisada desde 1996. Só dá aulas nesta escola, mas tem outro tipo de trabalho, na Fundação Darcy Ribeiro, ‘mais direcionado para políticas públicas de educação’.

Escolhi observar o trabalho da professora Luana pelo investimento que demonstrou em sua formação (em nível de mestrado) e pela indicação de que se tratava de uma profissional ‘séria e de qualidade’, que me foi feita por uma de minhas professoras no doutorado em Educação. Com isto, não pretendi buscar o reducionismo de um exemplo a ser imitado, mas, sim, uma professora que *se empenhasse em* (e tivesse meios para) exercer com qualidade, seriedade e profissionalismo o seu trabalho como professora de Língua e Literatura em escola pública. Assim, nesta pesquisa, Luana não figura como exemplo, mas como possibilidade.